



Encruzilhada da Europa – responsabilidade social



Sebastião Foyo de Azevedo
Prof. catedrático, reitor da Univ. do Porto

I Por estes dias circula nos meios de comunicação digital uma história, misto de épicos e anedóticos, que tipifica o desvario e cinismo em que caiu o nosso modelo ocidental de governança. Façam os leitores uma pesquisa com um motor de busca a respeito do tema “Crickhowell moves offshore”. Encontram descrições multifacetadas da

história de uma pequena cidade galesa cujos pequenos comerciantes descobriram que grandes multinacionais, operando nas suas áreas de negócios, escapam ao pagamento de impostos no Reino Unido, simplesmente explorando os buracos da lei. Movidos por um sentimento forte de injustiça, reagiram desta forma simples e inventiva – chamaram especialistas para os apoiar e adotaram as práticas fiscais dessas empresas, isto é ‘moveram os seus negócios, moveram a cidade, para paraísos fiscais’. Uma prática que, por transitória que seja, pode bem alastrar pela Grã-Bretanha e pela Europa em geral, e que no essencial pode servir para que os governos revejam os seus quadros legais e tapem os



...a coberto dos quadros legais, ou ilegalmente de forma impune, muitos eximem-se a uma responsabilidade social básica de contribuir para a sustentabilidade económica e social dos seus países.

buracos da ‘evasão fiscal legalizada’.

2. Os regimes, no que incluem os modelos de governação económica e financeira, têm de ciclicamente sofrer reajustamentos. Os sinais na Europa são demasiado claros de que chegou a hora do reajustamento de políticas e práticas de controlo financeiro. No Mundo global e mono político em que vivemos, a Europa e o Ocidente em geral têm resvalado para um estado de permissividade e de incapacidade reguladora gritantes, com um correspondente aumento insustentável do crime fiscal. Tem aumentado, de forma visível, o fosso entre ricos e pobres, acompanhado do agravamento, igualmente visível, das condições sociais das populações. O

papel dos paraísos fiscais tem de ser fortemente questionado e revisto.

3. Importa percebermos que não se trata de alterar o modelo de organização produtiva. Nunca esquecermos que sem trabalho e produção não é possível distribuir uma riqueza que não existe. Temos todos de trabalhar muito, diria que mais. O cerne da questão reside em que, nos dias de hoje, a coberto dos quadros legais, ou ilegalmente de forma impune, muitos eximem-se a uma responsabilidade social básica de contribuir para a sustentabilidade económica e social dos seus países. Trata-se pois de exigir, de retomar a exigência da bandeira da responsabilidade social europeia.